
Herança sufixal: os sufixos *-ático*, *-ádig-* (*-ádeg-*) e *-agem*

Maria do Céu Caetano

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, CLUNL

Resumo:

Neste breve artigo, procurarei mostrar que *-agem* é, em português, o herdeiro sobrevivente do sufixo latino *-atīcu-*, do qual também descenderam *-átic-* e *-ádig-* (*-ádeg-*), discutindo a não possibilidade de ocorrência de sufixos isofuncionais, sobretudo nos casos em apreço, em que os sufixos têm a mesma origem etimológica, e apontando algumas causas que terão contribuído para a improdutividade de *-ádig-* (*-ádeg-*).

Palavras chave:

Sufixação. Nominalização. Produtividade. Gramáticas Históricas do Português.

Sumario:

1. Introdução. 2. Descrição dos dados. 3. Configurações sufixais. 4. Causas para a improdutividade de *-ádig-* (*-ádeg-*). 5. Conclusão. Bibliografia

Suffixal inheritance: the suffixes -ático, -ádig- (-ádeg-) and -agem

Abstract:

In this short paper, I will try to demonstrate that Portuguese -agem is the surviving inheritor of the Latin suffix -atīcu-, from which -átic- and -ádig- (-ádeg-) also descended, discussing the nonoccurrence of isofunctional suffixes, particularly in the cases under consideration, in which the suffixes have the same etymological origin, and identifying some causes that have contributed to the unproductivity of -ádig- (-ádeg-).

Key words:

Suffixation. Nominalisation. Productivity. Portuguese Historical Grammars.

Contents:

1. Introduction. 2. Description of data. 3. Suffixation. 4. Reasons for lack of productivity of -ádig- (-ádeg-). 5. Conclusion. Bibliography.

1. Introdução

Assumindo que só o recurso aos dados do passado nos possibilita estudar de forma aprofundada as relações sufixais, analisarei três sufixos do português, oriundos do mesmo sufixo latino, cujo percurso se diferenciou, incidindo as minhas observações especialmente sobre o “par” nominal *-ádig-* (*-ádeg-*) e *-agem*.

Os dados considerados foram extraídos de gramáticas históricas do português em que é tratada a formação de palavras (cf. Caetano 2003: 30-32), tendo, ainda, acedido a textos em prosa dos séculos XIII, XIV e XV (diplomas reais, diplomas particulares, foros e textos em prosa literária), a partir de consultas ao CIPM (Corpus Informatizado do Português Medieval)¹. Ou seja, comecei por fazer o levantamento dos dados em gramáticas históricas e, posteriormente, confrontei-os com outros, extraídos de fontes primárias, os quais funcionaram como teste de fiabilidade e permitiram também acrescentar novos dados e sistematizar algumas observações empíricas.

2. Descrição dos dados

Seguidamente, listo os nomes em *-ádig-* (*-ádeg-*), apontados pelos gramáticos históricos como tendo sido formados em português, a partir de outros nomes, e que podem ser parafraseados por ‘imposto, tributo, pensão’:

*amadigo*²; *bragaádig*³; *cardealádeg*⁴; *cathedradégo*⁵; *compadradigo*⁶;

1 *Corpus* desenvolvido no âmbito do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>.

2 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “lugar, povo, quinta, casal ou herdade, que lograva os privilégios de honra, por nele se haver criado, ao peito de alguma mulher casada, o filho legítimo de um rico-homem ou fidalgo honrado (de *ama* + *-ádig*)”. No *Dicionário de História de Portugal* (Dic. HP), de Serrão, “honra que fruíam os lugares onde os fidalgos mandavam criar os filhos, por interesse próprio ou dos lavradores, assim isentos de pagarem impostos ao rei”.

3 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “A estimação ou preço de um bragal”; *bragal* “tecido grosso, atravessado por muitos cordões”. Para Machado (1977 [1952]), “preço de bragal”. No Dic. HP, “*bragal* antiga unidade de valor (sete ou oito varas de bragal) onde faltava a moeda”.

4 Em Machado (1977 [1952]), “*cardealádeg* / *cardenaládeg*, de *cardeal* = *cardealado*”, enquanto em Cunha (1987 [1982]) “XV, o m.q. *cardinalato* dignidade de cardeal, lat.”.

5 O m.q. *catedrático* “antiga pensão anual paga ao bispo diocesano como prova de sugeição e em honra da cátedra episcopal” (cf. Dic. HP).

6 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), o m.q. *compadrio*, este último na acepção de “ser compadre de alguém”. Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa* (PE), da Porto Editora, “*compadrado*, s.m. parentesco entre compadres; compadrio; aliança”.

*eirádega*⁷ / *eirádego*; *geraládego*⁸; *hospedadigo* / *hospedádego*⁹; *infantadigo*¹⁰; *lagaradiga*¹¹; *libradigas*¹²; *maninhadégo*¹³; *mordomadigo*¹⁴; *papádego*¹⁵; *peessoaadigo* / *peessoaδέgo*¹⁶; *taballiadego*¹⁷.

Como exceções à regra acima enunciada, temos *achadigo* / *achadego*¹⁸ (séc. XII), formado a partir do tema verbal¹⁹, bem como *levadigas*, havendo a acrescentar que a paráfrase deste último é ‘doença’²⁰ e não ‘imposto’, como nos restantes casos.

- 7 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “*eirádega* o m.q. *areática*, pensão que antigamente pagavam os enfiteutas aos senhorios [sobre a colheita de cereais e de vinho]”. Em Machado (1977 [1952]), “*eirádiga*, 1166, de *eira*”.
- 8 O m.q. *generalato* / *generalado*. Em Machado (1977 [1952]), “*generaládego*, XV, de *general*”.
- 9 Em Machado (1977 [1952]), “*hospedádigo*, s. XIV, de *hóspede*, o m.q. *hospedagem*” e, em Cunha (1987 [1982]), “*hospedadigo* XIV, o m.q. *hospedagem* XVI”.
- 10 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “terra ou cousa de infanções”. Cf. Machado (1977 [1952]), *infantádigo*, s. XIV, de *infante* / *infantádego* XVI / *infantático* XIX.
- 11 Segundo Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “o mesmo que *eirádega* / *eiradiga*”. Em Machado (1977 [1952]) “*lagarádiga*, s. de *lagar*. Em 1111” e “*lagaragem*, s. de *lagar*. Em 1873”.
- 12 Para Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), o m.q. *livra* (*livra* = *libra* ou *lipera*). Em Machado (1977 [1952]), “*librádiga*, 1345, s. de *libra*”.
- 13 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), o m.q. *maninhado* e *manería*, “Foros, pensões, laudémios e quaisquer outras rendas ou serviços que dos prazos, feitos das terras maninhas, pagavam os respectivos caseiros”. Em PE, “tributo antigo, de um terço dos bens, que pagavam à Igreja ou ao Estado os casados que morriam sem descendência, de *maninho* [bens de pessoa falecida sem deixar descendentes], do lat. *maninu- «estéril» + *-ádego*”.
- 14 Segundo Machado (1977 [1952]), “*mordomádigo* de *mordomo* + *-adigo*, XIII, o m.q. *mordomádego*”.
- 15 Em Machado (1977 [1952]), “*papádigo*, XIV, s. de *papado*, var. *papadego* XV”.
- 16 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “direito, que algum tem de ser psoeiro ou cabecel de um prazo”; “*peosoeiro* cabeça de um prazo ou casal, cabecel, que recebe as rendas e porções dos seus consortes para as entregar, por junto e inteiramente, ao senhorio, séc. XIV”.
- 17 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “ofício de tabelião”. Em Machado ([1991] 1996), “*Tabeliado*, s.m. Ofício de tabelião; o m.q. *tabelionato* e *tabelionato*. || Antigo imposto pago pelos tabeliães”.
- 18 Segundo Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), pode ser sinónimo de *alvissaras*, “mas o achádego era um prémio que o achador tinha direito de receber do dono da cousa achada, enquanto as *alvissaras* resultam apenas de uma obrigação moral, de *acha(r)* + *-ticus*”. Em Huber ([1933] 1986: 85), “*alvissaras*, de *acha(r)*”.
- 19 Cf., por ex., “Qvando alguu achar s(er)uo alheo fugido e o ap(re)sētar ant’ o alcayde cū todas sas cousas q(ue) lhy achou assi como mada a ley, o alcayde façalho guardar cū outras cousas p(er) escripto ou p(er) testimõhas de guisa q(ue) o possa todo cobrar seu dono q(ua)ndo ueer, e aq(ue)l q(ue) o achou aya #l m(a)r(auidi) dos senh(ur) por *achadigo* e as despesas q(ue) enel fez”.
- 20 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “tumores fungosos e malignos, que nasciam nos sobacos e outras partes do corpo, 1348”. Em Machado (1977 [1952]), “*levádiga*, 1348, s., de *levar* (= *levantar*)”. Em Machado ([1991] 1996), “*Levadigas*, s.f. pl. Ant. Dor aguda ou pontada, que se sentia debaixo do braço ou junto da virilha e precedia ou acompanhava a elevação ou bubão, nos casos da peste negra do séc. XIV”. Por ser o único derivado denotando ‘doença’, suponho que tenha havido uma lexicalização.

A juntar aos derivados do português, temos todos os outros nomes em que ocorrem *-ádigo* (*-ádego*) e que foram herdados do latim²¹, embora a forte similitude formal e semântica com os primeiros torne difícil a distinção, como, por exemplo: *chavadégo*²²; *fumadadégo*²³ / *fumádego*; *montadégo*²⁴ / *montádego*; *padroádego*²⁵ / *padroadigo* / *padruádigo* / *padronadíga*; *portadégo*²⁶ / *portadigo* / *portádego*; *terrádego*²⁷ / *terradégo* / *terradego* / *terradigo*.

À semelhança da maioria dos nomes em *-ádigo* (*-ádego*), os nomes em *-agem* formados em português resultam da junção deste sufixo ao radical nominal, sendo parafraseados por ‘tributo, imposto’, casos de *barcagem*; *carceragem*; *costumagem*; *fumagem*²⁸ e, em textos dos séculos XIII e XIV, *açougagê*²⁹; *carceragê* / *carceragem* /

21 Os nomes herdados do latim também seriam substituídos por outras formas portadoras de outros sufixos ou terminações (cf., por exemplo, *fum(ad)ádego* - *fumagem* e *montádego* - *montático*).

22 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), o m.q. *chavadégo*, séc. XIV, “luvas, agradecimento ou molhadura do conchavo, e ajuste que, entre o mosteiro e os novos enfiteutas se fazia; constava de um carneiro e uma fogaça ou pão grande de trigo”. Em Machado (1977 [1952]), “*chavadégo* / *chavádigo*, do lat.”.

23 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), o m.q. *fumagem*, “tributo ou direito de cabeça, cabeção, que se pagava de cada casa de família, segundo o respectivo foral ou aforamento. O direito de habitar”; “*fumagem* censo, tributo ou pensão, que o direito senhorio recebia de todas as casas dos seus vassallos ou colonos, prescindindo de nelas acenderem lume ou fazerem fumo, porque o comum e regular era acendê-lo. (...) Em alguns documentos, se chama fogaça ou fogo (...). Também se chamou direito de cabeça ou cabeção”. Para Machado (1977 [1952]) e também Cunha (1987 [1982]), “XVI, lat. *fumaticu”.

24 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), o m.q. “*montádigo* e *montático*, lat. montaticu-, certa pensão ou tributo, que se paga por pastar os gados no monte de algum concelho ou senhorio”.

25 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “*padronadíga* Dote ou herança, que vinha da parte do pai, o qual os filhos com dificuldade grande vendiam”. Segundo Huber (1986 [1993]: 320), “*padroádigo* = direito de apresentar ou propor um pároco em uma igreja”. Para Sequeira (1943: 92), *padroádigo* era o “privilégio de patrono adquirido por quem fundava e dotava uma igreja”. Em Machado (1977 [1952]), “*padroádigo*, 1192, do lat. patronaticu-”. Cf. *padroado* séc. XIII, do lat..

26 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), *portádego* é sinónimo de *portático* e de *portagem*. Em Machado (1977 [1952]), “*portádigo*, antes de 1096” e “*portagem* XIII, do fr. *portage*, deriv. do lat. *portaticum”.

27 Em Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “*terrádego* laudémio, ou certa parte do preço, ou estimação da cousa vendida que paga o foreiro, quando com licença e consentimento do direito senhorio a vende, troca, dá ou alheia”; “*terradígo* renda ou pensão anual, que se pagava por viver e cultivar em terra alheia”; “*terrado* certo foro que se pagava aos bispos de Coimbra, de todas e quaisquer propriedades que, naquele bispado, se venderam, não podendo tabelião algum fazer carta de venda (...) sem que nela vá inserto o bilhete do bispo, pelo qual dá licença e conste que se pagou o terrado, sob pena de perdimento dos seus officios, fazendo o contrário”. Em Machado (1977 [1952]), “*terrádego* 1474, do lat. *terraticu-”, mas em Huber (1986 [1933]: 85), de *terra*.

28 O m.q. *fumádego* (lat.).

29 Em Cunha (1987 [1982]), séc. XV.

carçeragẽ / *c(ar)çeragẽ* / *carçaragem*; *custumagẽ*³⁰; *lagaragem*³¹ e *Relegagẽ*³².

A esta aceção, há a acrescentar as de:

- ‘coletivo’, em nomes do tipo de *cordagem*³³; *criadagem*; *farandulagem*³⁴; *fardagem*; *folhagem*; *farelagem*; *hervagem*; *marinhagem*; *matalotagem*³⁵; *ramagem*; *rodagem*³⁶; *roupagem* e *teagem*³⁷, *bem como fardagẽ[s]* (em textos do século XV)³⁸.
- ‘ato próprio de [+hum]’: *aprendizagem*; *braçagem*³⁹; *camaradagem*; *ladroagem*; *malandragem*⁴⁰; *vadiagem*; *vassalagem*; *villagem*⁴¹.

No *corpus*, (em menor número) outros nomes em *-agem*⁴² são formados a partir de temas verbais, designando ‘ação ou resultado da ação’: *albergagem*; *alliagem*; *ferragem*; *hospedagem*; *lavagem*; *paragem*; *pastagem*; *travagem*; *usagem* e *ferragẽ* (séc. XIII) e *pillotagẽ*⁴³ (séc. XV).

30 Em Machado (1996 [1991]), ‘tributo que se pagava por antigo costume e não por lei escrita’. Não registado em Cunha (1987 [1982]).

31 Não registado em Cunha (1987 [1982]). Presumivelmente de *lagar* (cf. *lagaradiga* e *eirádega* / *eirádego*).

32 Não registado em Cunha (1987 [1982]), que aponta para *relegar* a aceção de “expatriar, banir; desprezar, XV, do lat.”.

33 O m.q. *cordoagem*, *cordame*, *cordoame* e *cordoalha*, de *cord(ão)* + *-agem* (cf. PE).

34 De *farândola* (“tipo de dança popular; bando de maltrapilhos”; cf. Cunha (1987 [1982])).

35 Cf. Cunha (1987 [1982]) “provisões para a marinhagem, de *matalote* ‘marinheiro’”.

36 Em Cunha (1987 [1982]), “conjunto de rodas de um maquinismo, XX, de *roda*”.

37 Tenho dúvidas quanto à aceção coletiva deste derivado (cf. Cunha (1987 [1982]), Machado (1977 [1952]) e PE, onde o significado é o de “teia, tecido (de algodão)”, de *teia*).

38 Cf., por exemplo, “Bem he que vian hyr hos barcos pera ella com allgũa *fardagẽ* que os mercadores queriam levar pera sua viagẽ”.

39 Trabalho braçal.

40 Apesar de em PE surgir a indicação “de *malandro*”, sigo Cunha (1987 [1982]), que aponta como data da primeira ocorrência do derivado 1881, considerando que a base é *malandrim* ‘vadio, gatuno’, XVI it.”, pois data *malandro* de 1890.

41 Para além destes derivados, temos ainda *friagem* (ar frio), o qual não se insere em nenhuma das paráfrases anteriores.

42 De acordo com o critério (tradicional) que aqui sigo, o sufixo *-agem* junta-se a temas verbais, embora haja quem considere que a forma do sufixo é *-gem* (cf., por ex., Lacuesta / Gisbert 1999: 4507). Contudo, ao assumir que a forma é *-agem* (e não *-gem*) isso não significa que considere que a base é um radical (e não um tema) verbal. Tendo em conta que a junção dos sufixos do português que indicam ‘ação ou resultado da ação’ se dá ao tema verbal (cf., por exemplo, *trabalhador*, *bebedor*, etc., para indicar apenas o caso de *-dor*) não vejo razões para considerar que com *-agem* se tratará de uma exceção. Na medida em que os verbos com que *-agem* ocorre são da 1ª conjugação, ao unir-se à base, haverá fusão entre a vogal temática e a vogal inicial do sufixo.

43 Em Cunha (1987 [1982]), séc. XVI.

Registem-se, ainda, alguns empréstimos, que à primeira vista poderiam ser interpretados como nomes formados de temas verbais, mas que entraram no português vindos de outros sistemas, nomeadamente do francês (*abordagem; bagagem; cabotagem; carruagem; cartilagem; cartonagem; contagem; corage / coragem; dosagem; linhagem; mensage / mensagem; paisagem; passagem; personagem; plumagem; tonelagem; ultrage; vantagem; visagem*), do provençal (*corretage(m); lingoagem / linguagem; romagem*), do italiano (*ancoragem; carnagem; carriagem⁴⁴*) e, também, do castelhano (*peonagem*).

Empréstimos em *-agem* encontrados nos textos foram:

estalgê / stalagê (prov.); *lignagê / linhagê / Linhagê / linagê / linhagem / llynhagê / llynhagem / limhagê / lynhagê / lynhagem / liagem* (fr.); *limgoagê / limgoagêes / llymgoagê / lymgoagê / lyngoagem* (prov.) e *passagen / passagê* (fr.), datados do século XIII, e *avamtagê / avemtage* (fr.) e *Beueragem* (fr.), do século XIV.

Enquanto alguns gramáticos históricos, como é o caso de Theophilo Braga (1876: 34), só descrevem o sufixo *-agem⁴⁵*, outros estudam também *-átic-* e *-ádig-* (*-ádeg-*). De entre aqueles que se debruçaram sobre *-ádig-* (*-ádeg-*), temos Carl von Reinhardtstoettner (1878: 136), autor que sustenta que nos substantivos em *-ádeg⁴⁶* (ex.: *vinhadego*), o sufixo, correlato de *-adgo* e *-azgo* em castelhano, começou por designar “cargos e títulos” (exs.: *tabelliadego, infantadigo*) e que, mais tarde, esta aceção se terá estendido a “tributo” (exs.: *terradégo, pessoadigo*).

Joseph Huber (1986 [1933]: 274) não fala do semanticismo associado ao sufixo, apontando antes o significado dos derivados em que ocorre *-ádig-* (*-ádeg-*) e especificando que o mesmo “forma substantivos abstractos verbais” (ex.: *achadego*) e que ocorre “com maior frequência em radicais nominais” (exs.: *padruádigo, portadigo, taballiadego*). José J. Nunes (1989 [1919]: 372) tem outro entendimento, pois afirma que *-ádeg-* “na antiga língua, junto, como naquela [latim], a substantivos, produziu igualmente adjectivos, que passaram à classe daquele, no sentido de impostos, cargos, sendo depois substituído pelo francês *-agem*”, sufixo que, segundo o autor, nos veio “pelo francês⁴⁷”, exprimindo, para além da ideia de

44 ‘Conjunto de carros’. Provavelmente, do italiano.

45 Para Braga (1876: 34), o sufixo *-agem*, “derivado do suffixo latino *aticum* contrahido em *at’cum*, porque o *t* antes de *e* ou *i* não accentuados teve o som de *z* e *g*”, como por exemplo em *portaticum* (*portagem*), denota “reunião, multidão”.

46 Em Reinhardtstoettner (1878: 136), “*-adego (-adigo)*”.

47 Nunes ([1919] 1989: 372) assinala que “Cornu (*Port. Sprache*, § 220) é de opinião que este sufixo foi tirado dos nomes que já o traziam do latino, como *farragem* (a par de *farrã*), *soagem, tanchagem*, etc.”

“impostos”, as de “aglomeração e acção” (exs.: *eir-ádeg*; *port-agem*; *roup-agem*; *abord-agem*), conservando-se *-átic-* “apenas nalguns cultismos”. Assim, para o gramático, os nomes em *-ádeg-* seriam resultantes de um processo de conversão (passando de adjetivos a nomes), apreciação que não encontramos noutros autores e da qual também não comungo.

Manuel Said Ali (1964 [1931]: 235) não trata desenvolvidamente *-ádig-* (*-ádeg-*), limitando-se a afirmar que “ocorrem em português antigo” e dando alguns exemplos, centrando a sua análise sobre *-agem*, quer no que diz respeito à categoria dos derivados em que este intervém (“adjectivos e sobretudo em substantivos femininos”), quer no que se refere ao “sentido muito variável” do mesmo, indicando ainda que *-átic-* “só aparece em termos da linguagem culta”. Para o autor, à aceção de ‘coletivo’ de *-agem* (exs.: *plumagem*, *ramagem*) juntam-se as de “imposto” (exs.: *carceragem*, *fumagem*) e a de “atos ou estados” (exs.: *hospedagem*, *malandragem*). O semanticismo plural de *-agem* já havia, aliás, sido objeto de análise em Manuel P. Silva Jr. / Lameira Andrade (1913 [1887]: 337-338), ao referirem que o sufixo *-agem* confere três aceções aos derivados nominais⁴⁸: “collecção de objectos da mesma especie” (exs.: *folhagem*, *plumagem*); “estado” (ex.: *aprendizagem*); e “resultado de uma acção” (exs.: *ancoragem*, *lavagem*).

Francisco M. Sequeira (1938: 96/98) também parafraseia o significado de *-agem* em duas alíneas separadas (“colecção, abundância, aglomeração”; exs.: *folhagem*, *marinhagem*; “nomes de instrumento, meio, lugar da acção significada pelo verbo”; exs.: *lavagem*, *travagem*), mas não indica a aceção de ‘imposto’.

À semelhança de Ali (1964 [1931]: 235), Ismael L. Coutinho (1938: 58) indica que *-ádeg-* “só aparece em palavras antigas” e que *-átic-* é uma forma “erudita”, acrescentando que *-agem* é “de origem francesa”, englobando todas estas formas sufixais no rótulo de “imposto, cargo, dignidade, aglomeração, ação” e exemplificando com derivados nominais e adjetivais, sem entrar em especificações (exs.: *papádeg*; *portagem*; *folhagem*; *vassalagem*; *lunático*).

3. Configurações sufixais

Dentro da descrição de *-agem*, certos gramáticos chamam a atenção para duas formas em *-agem*, com etimologias distintas. Assim, de acordo com Carl von Reinhardtstoettner (1878: 131), em português existe um *-agem*, que tem origem

48 Os autores referem que “estes nomes, em numero de 300 pouco mais ou menos, são pela maior parte novos e sem correspondentes em latim” (Silva Jr. e Andrade [1887] 1913: 338).

em “*Ag-in* (lat. *ago, aginis*)” e que ocorre em palabras do latim (exs.: *farragem, imagem, voragem*) e outro que, para o autor, é “a forma portuguesa mais importante de *aticum*” (Reinhardtstoettner 1878: 136), o sufixo *-agem* que ocorre em derivados do tipo de *albergagem* e *paragem*, por exemplo, sendo estas formações em *-agem* muito “frequentes”.

Também Othoniel Mota (1937 [1916]: 62) descreve dois *-agem*: “um do lat. *aginem: imagem, borrhagem*”⁴⁹ e outro “do latim *aticus (aticum): carnagem, linguagem*”. O gramático argumenta, remetendo para “Meyer Lübke, V, II, p. 571”, que “*aticum* não podia dar *age* no português: gerou, sim, *age*, mas no francez, d’onde nos veio, recebendo aqui um *m* epitético por analogia com *agem* de *aginem*” (Mota 1937 [1916]: 62).

Para Carolina Michaëlis de Vasconcellos (s.d. [1946]: 45), *-agem* “veio de França”⁵⁰, logo no século XI, e distingue-se “pela sua grande fecundidade” (Vasconcellos, C. M. s.d. [1946]: 77), explicando a circunstância de os nomes em francês serem masculinos e em português femininos pela “influência exercida por outro sufixo homónimo, *-agem* de *imagem (imago, imaginis)*”⁵¹.

Mattoso Câmara Jr. (1975: 222) pensa que, contrariamente à “forma portuguesa, de estrutura erudita”⁵², *-atic(-o)* [que] aparece no termo religioso *viático (doublet de viagem)*” e que é utilizado ainda “para derivar adjetivos”, *-agem* dá origem quase sempre a nomes, sendo o adjetivo *selvagem* uma excepção⁵³. O gramático explica igualmente que, no português, nos vocábulos em *-agem* “houve contaminação com o final *-agem* de vocábulos semi-eruditos do tipo de *imagem* (lat. *imagine*); é o que explica o travamento nasal e o género feminino”.

Contrariamente a outros gramáticos, Eduardo C. Pereira (1935 [1916]: 203) rotula *-agem* como a forma “popular” de *-átic-* e considera que foi a partir de palabras do

49 Para o autor, este tem como “fórma pop. *age*” (Mota 1937 [1916]: 62).

50 Vasconcellos, C. M. (s.d. [1946]: 77) precisa que o sufixo “entrou nos séculos XI, XII e XIII com mercadores de além dos Pirinéus, os quais, ao passar dos Portos acessíveis daquelas montanhas, tinham de pagar uma contribuição, chamada entre os Peninsulares *portádego* e entre os franceses *portage*. Esse nome, e mais alguns como *lignage* e *homenage (linhage e menage* em português antigo) popularizaram-se a ponto tal que produziram imitações numerosas - mais de um cento - entre elas *viagem, linguagem*”.

51 A autora considera que “*-igine, -ugine*, deram *-age(m), -uge(m), (imagem, origem, ferrugem)*” (Vasconcellos, C. M. s.d. [1946]: 62) e a respeito de *-age* e *-agem* remete para o estudo de Adolfo Coelho *Casos de Analogia*, publicado em 1907 na *Revue Hispanique*.

52 Câmara Jr. (1975: 222) classifica *-ádeg-* como “a forma popular genuinamente portuguesa”.

53 Em Cunha (1987 [1982]), “*selvagem*, XIII, do prov. *salvage*, deriv. do lat. *salivãticus*”.

tipo de *selvagem* e *viagem*, do latim *selvaticum* e *viaticum*, que “a lingua segregou as syllabas *-agem* e, unindo-as ao thema de muitas outras palabras, fez dellas um sufixo”, como em *folhagem*, *lavagem*.

Penso que a existência de dois *-agem* em português, um do lat. *-agĩne-* e outro do lat. *-atĩcu-*⁵⁴, não é defensável, tendo em conta que as palabras em que ocorre o primeiro são todas [+latinas]. Por isso, postulo unicamente a presença em português de um sufixo *-agem*, sufixo com origem em *-atĩcu-* e formador de nomes abstratos [+fem], ou seja, num caso tratar-se-á de um sufixo e, no outro, de uma terminação.

Entre os vários autores que descreveram o sufixo *-agem*, é quase um dado adquirido que este terá chegado ao português através do francês e do provençal *-age* (cf., entre outros, Piel (1940: 214)⁵⁵, Vasconcellos, C. M. (s.d. [1946]: 77), Machado (1977 [1952]), Cunha (1987 [1982]) e Ferreiro (1997)), sufixo que é comumente apontado como a “forma divergente” de *-átic-*, sendo esta a forma “erudita” e, para alguns, *-ádeg-* a forma intermédia ou “semi-erudita”⁵⁶.

Embora se registre um elevado número de empréstimos em *-agem* em português, sobretudo galicismos, não me parece correto apontar-se-lhe uma origem francesa. Assim, tendo por boa a observação de Diez (1973 [1836-1844]: 286-287), segundo o qual é já em latim que “*aticum*” e “*agium*” alternam, dando como exemplos “*brenaticum -agium*, *carnaticum -agium*, *herbaticum -agium*”, autor que também explica o género feminino dos derivados em *-agem*, por analogia com as palabras em *-agem* do “lat. *ago aginis*” e o facto de existirem atestações de derivados em *-agem* desde o século XIII (cf., por exemplo, *carceragem*), não encontro evidências que apontem para a importação de *-agem* do francês ou do provençal.

De seguida, proponho-me fazer algumas sistematizações referentes a *-átic-*, *-ádig-* (*-ádeg-*) e a *-agem*, adotando implicitamente uma cronologia sufixal.

Começo por referir a confusão que surge algumas vezes relativamente a *-ádig-* (*-ádeg-*) e *-igo* e *-ego*, tidos estes dois últimos como “reduções” dos primeiros, quando, de facto, não o são. Por exemplo, de acordo com Silva Jr. / Andrade (1913 [1887]: 351),

54 A propósito das diferentes etimologias, cf., ainda, Machado (1977 [1952]) e Cunha (1987 [1982]).

55 De acordo com o autor, os exemplos mais antigos “são *linhage* e *menage*, que no *Cancioneiro da Ajuda* rimam com *trage*, 3.^a pessoa do ind. do pres. do verbo *trager*, o que indica que o sufixo primitivamente não se distingua, quanto à sua forma, da francesa. O género também é a princípio conforme com o das palabras francesas, quer dizer masculino: o *linhage(m)*, o *linguage(m)*. Ainda durante a idade média o sufixo «nacionalizou-se» em *-agem*, devido à circunstância de existirem em português algumas palabras em *-agem*, que remontam ao sufixo lat. *-AGO*, *-AGINE*”.

56 Terminologia utilizada por Vasconcellos, C. M. (s.d. [1946]: 77). Cf. Jordan / Manoliu (1980 [1972]: 28), autores que também classificam *-ádig-* (*-ádeg-*) como “semicultismo”.

“havia nos seculos XV e XVI as desinencias *ego, igo*, que, parece, correspondiam ás actuaes *agem, ia*” (exs.: “*Fumádego – fumagem*, pensão paga por fogo ao senhorio. *Terradigo, terradego* – quantia que o foreiro pagava de laudemio ao direito senhorio para poder alienar o predio, etc. *Portadigo – portagem. Mordomadigo – mordomia. Hospedadigo – hospedagem*”). Sem querer aprofundar a problemática da origem de *-ego*, cf., por exemplo, Reinhardstoettner (1878: 134), gramático que não confunde *-ego* com *-ádeg-*, especificando que o primeiro tem origem no lat. *-icus* e forma nomes próprios como *Mondego* e também nomes comuns (exs.: *ardego, borrego, labrego, ninhego*). Para Mota, O. (1937⁸: 65 e 70), *-ego* é de origem ibérica (exs.: *borrego, labrego, ninhedo*) e *-igo* “do lat. *icu(m)*, como em *puclu(m)*”, ocorre em nomes do tipo de “*formiga, amigo, umbigo, postigo*. Não se tornou suffixo productivo em romance”. Vasconcellos, C. M. ([1946] s.d.: 68) esclarece que

-icus, -ica, com *i* breve, conservado nessa forma em bastantes adjectivos cultos (como *cívico, áulico, profético*), é pronunciado *-ego*, logo que qualquer dêles passe ao vulgo. Depois de *polítego, rústego, prátego, tisego, étego (hecticus), trôpego (hydrópico)* terem sido popularizados, logo vieram inovações como *hírtego*, de *hirtus*, e substantivos numerosos, como *lóntrega* por lontra, *cóbrega* por cobra; *salamântega* por salamandra; *limáchega* por limacha, *limaça* nome de lesma.

Mais adiante, a autora reafirma que “o vulgo [...] desprende *-ego* de adjectivos abstractos como *cismátego, polítego, rústego, prátego* – e junta êsses sufixos átonos a numerosos termos do seu uso” (Vasconcellos, C. M. s.d. [1946]: 70). Ainda sobre o sufixo *-ego*, Vasconcellos, C. M. (s.d. [1946]: 76) diz que “dos Celtas restou apenas *-ego* de *galego, Lamego, Mondego*, com imitações como *labrego e borrego*. Ele é muito fecundo, sobretudo em territórios hispânicos”.

Outra questão relaciona-se com a acentuação de *-ádig-* (*-ádeg-*). Diez (1973 [1836-1844]: 285-286) refere que “Santa Rosa (...) accentue partout *adégo*”, aspeto que viria a ser corrigido em edições posteriores, onde a forma apresentada é *-ádego* e onde também é indicado que “em consequência da sílaba postónica *-de-* < lat. *-tī-*, a terminação *-ádego* reduz-se, por vezes, a *-ágo, vinhago* a par de *vinhádego*” (cf. Viterbo 1962-1968 [1798-1799]: 174-175). Piel (1940: 212-213) também alude à questão da acentuação do sufixo, anotando que no *Elucidário* de Viterbo as palavras em *-ádig-* (*-ádeg-*) “vêm apontadas com pronúncia paroxítona: *-adêgo, -adígo*, o que é inadmissível”⁵⁷.

57 Cf. ainda Sequeira (1943: 91), para quem a acentuação esdrúxula de *-ádeg-* é “anormal”, contrariamente ao que se verificou em francês e em castelhano, em que *-ATÍCU* evoluiu respectivamente para *-age* e *-azgo*.

Ultrapassada a controversia da acentuação, sabe-se, pois, que tal como *-atícu-* viria a dar *-átic-* em português, deu origem igualmente a *-ádig-*, com vozeamento das oclusivas em contexto intervocálico e consequente passagem de /t/ e /k/ a /d/ e /g/, processo idêntico ao que encontramos em formas atestadas nos textos dos séculos XIII e XIV, textos em que *-igo* está por *-ico*⁵⁸.

Por não se inserir na regra geral de sonorização das consoantes surdas em contexto intervocálico⁵⁹, *-átic-* surge como a forma erudita do sufixo latino, sendo hoje em português um sufixo adjetival residual⁶⁰.

Na série *-átic-* / *-ádig-* (*-ádeg-*) / *-agem*, a primeira forma é, por assim dizer, o descendente mais direto, ou se preferirmos, o resultado erudito do sufixo latino *-atícu-*, do qual todos derivam. Reinhardstoettner (1878: 136) já havia indicado que *-átic-* ocorre em latinismos (por ex. *fanático*, *lunático*, *selvático*) e que são poucos os adjetivos a que deu origem como, por exemplo, *freirático* e *opiniático*, os quais, todavia, são também [+lat], a crermos nos dicionários etimológicos⁶¹.

Como se sabe, em latim, muitos dos adjetivos em que ocorria o sufixo *-atícu-* (por exemplo, *viaticus*), funcionavam simultaneamente como substantivos (cf. Ferreiro 1997: 160-161), razão que terá contribuído, segundo Piel (1940: 212-213), para que *-atícu-* se tenha substantivado “na forma do neutro, constituindo-se como sufixo com função abstracta”.

Todos os exemplos em *-átic-* de categoria adjetival fornecidos pelos gramáticos históricos são [+lat], embora esse aspeto nem sempre seja referido⁶². Mas, realmente, também são poucos os gramáticos que apontam explicitamente a intervenção deste sufixo na formação de adjetivos do português. No entanto, Cunha (1987 [1982])

58 Cf., por exemplo, *apostoligo* S13, pp. 1, 3 (XIII, pelo lat., do gr.; o m.q. *apostólico*. Segundo Viterbo (1962-1968 [1798-1799]), “todos os bispos foram antigamente chamados apostólicos”); *aravigo* / *aravygo* (séc. XIV, do latim; o m.q. *arábico*, séc. XIV); *cl(er)igo* / *cl(er)igo* / *cl(er)igo* / *cl(er)igos* / *cl(er)ely'gos* / *cl(er)igo[s]* / *clerigo* (séc. XIII, pelo latim, do grego); *conigo* / *Cōdōigo[s]* / *cōnōigo* / *Cóonigos* / *coonjgo* (séc. XIII, pelo latim, do grego; forma divergente popular de *canónico*, que em Cunha (1987 [1982]) é datada de séc. XIV).

59 Sobre esta questão, cf., por exemplo, Castro (1991: 12-13).

60 Os exemplos devolvidos por uma rápida consulta ao *corpus* Cetem Público (constituído por textos em português europeu posteriores a 1990, disponível em <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>) são de origem grega (exs.: *paradigmático*, *problemático*, *sintomático*, *temático*, *traumático*, etc.), ou latina (exs.: *asiático*, *diplomático*, *sistemático*, etc.).

61 Cf. ainda, por exemplo, Pereira (1935 [1916]: 212), para quem *-átic-* é a “fôrma erudita, composta de *at + ico*” (exs.: *errático*, *selvático*, *viático*).

62 Cf., por exemplo, Ferreiro (1997: 161) que, relativamente a *-átic-*, refere que a sua “presença no romance se produziu sempre através do latim literário”.

registra *ebriático* (1873) e *indiático* (séc. XVI), adjetivos também registados no PE, onde encontramos ainda *arrieirático*, *conselheirático*, *marasmático* e *sezonático*. Aparentemente, os derivados em *-átic-*, resultantes de uma adjetivação denominal, cujo semanticismo pode ser parafraseado como ‘relativo a’, são posteriores ao século XV: nos textos dos séculos XIII, XIV e XV não encontrei nenhum derivado em *-átic-*.

Contrariamente a Piel (1940: 213)⁶³, não me parece correto que se aponte o sufixo *-ádig-* (*-ádeg-*) como um sufixo “semi-erudito”, pois, tendo em conta a regularidade da sua evolução, acho que ele é um representante português genuíno do latino *-atīcu-*.

Como já vimos, o sufixo *-ádig-* (*-ádeg-*) solda-se a nomes e a radicais verbais e, semanticamente, os nomes derivados em que intervêm denotam ‘imposto, tributo, pensão’, aceção que também encontramos em alguns nomes em *-agem*.

4. Causas para a improdutividade de *-ádig-* (*-ádeg-*)

Uma vez que, pelo que foi dado observar, são poucas as restrições impostas às bases, sendo pouco significativas as regras de reajustamento ativadas por *-ádig-* (*-ádeg-*)⁶⁴, o que terá, então, contribuído para o desaparecimento deste sufixo? A existência do sufixo isofuncional *-agem*, uma vez que apresenta distintividade fonológica e identidade funcional e semântica com *-ádig-* (*-ádeg-*), selecionando o mesmo tipo de bases e conferindo-lhes o mesmo semanticismo, só por si terá sido suficiente para ditar o desaparecimento de *-ádig-* (*-ádeg-*)?

Na descrição do sufixo castelhano “*-azgo* < *-ATICUM*”, Ridruejo (1998: 314) também assinala a competitividade com outros sufixos, pois, segundo afirma,

directamente, concorre com *-agem*, de idêntico étimo [...], com o qual também se criam pós-verbais. Além disso, nos nomes de dignidades eclesiásticas concorre com outros sufixos latinizantes com a forma latina *-ato* (*cardinalato*, *priorato*), ou vulgarizados: *-ado* (*papado*), que acabam por impor-se.

A improdutividade de *-ádig-* (*-ádeg-*) parece, portanto, em tudo semelhante à do seu correlato castelhano, sendo *-ádig-* (*-ádeg-*) um exemplo de derivação não

63 Para o autor, “tudo indica que *-ádeg-* não é sufixo tradicional, mas que as palavras em questão foram modeladas sobre vocábulos, do latim medieval, em *-ATICUM*”.

64 Registe-se a queda do morfema final da base em *taballadego* (de *tabeli(ão) / tabali(ão)*), o que, neste aspeto, é comparável a *-agem* (cf. *malandragem*, de *malandr(im) + -agem* e *ladroagem*, em que há uma desnasalização do morfema final da base (de *ladr(ão) + -agem*)).

proseguida, i.e., os derivados com este sufixo perderam-se na evolução sucessiva do português e, por isso, não encontram correspondentes no português atual.

Em função dos dados de que disponho, as causas que terão contribuído para a improdutividade de *-ádig-* (*-ádeg-*) são essencialmente quatro: a acentuação esdrúxula do sufixo, como é muito vezes sugerido; o facto de o sufixo *-agem* ser comum a todas as línguas românicas e, para além disso, o semanticismo que transmite às bases ser muito mais diversificado; havendo, ainda, a apontar a concorrência exercida por outros sufixos que não *-agem*, nomeadamente *-ado*⁶⁵.

Pela sua versatilidade, o sufixo *-agem* tinha muito mais condições para prevalecer. Como se sabe, *-agem* seleciona nomes e temas verbais para formar outros nomes, assinalando-se igualmente o grande número de empréstimos em que ocorre.

A partir dos exemplos retirados das gramáticas históricas, os valores semânticos que *-agem* atribui aos nomes em que ocorre são, por ordem do número de derivados, os de: ‘coletivo’ (ex.: *ramagem*), ‘ato próprio de’ (ex.: *vadiagem*) e ‘tributo, imposto’ (ex. *costumagem*), quando se solda a nomes, e de ‘ação ou resultado da ação’ (ex.: *lavagem*), quando se junta a temas verbais. Todavia, nos textos dos séculos XIII, XIV e XV a que acedi o maior número de derivados em *-agem* tem a aceção de ‘tributo, imposto’, seguindo-se os que indicam ‘ação ou resultado da ação’ e somente um é portador da aceção de ‘coletivo’, o que faz supor que tenha havido uma redefinição do semanticismo básico associado ao sufixo, i.e., a pouco e pouco, *-agem* terá passado a formar predominantemente nomes com a aceção de ‘coletivo’.

Em resumo: *-átic-*, a ter formado algum adjetivo em português, isso terá ficado a dever-se mais a uma espécie de mimetização do modelo latino, do que propriamente a um processo de formação de palavras do português. A sua acentuação irregular também não favoreceria à partida as condições para se tornar um sufixo adjetival ativo em português. Aliás, este mesmo aspeto prosódico e a sua pouca versatilidade, ao conferir às bases nominais uma única aceção e dando origem a derivados com a mesma categoria sintática da base terá igualmente contribuído decisivamente para a interrupção do processo de derivação em *-ádig-* (*-ádeg-*), por oposição a *-agem*, que tanto se junta a nomes como a temas verbais, ora conferindo uma ou outra aceção.

65 Piel (1940: 212-213) refere que “na mais antiga versão da *Regra de S. Bento* [publicada por J. J. Nunes em 1926, no *Boletim da segunda classe da Academia das Ciências*, vol. XVI], que deve remontar ao século XIV, encontramos *moordamádigo* e *ospitádego*, que nas versões posteriores, dos séculos XV e XVI, são substituídos respectivamente por «ministração» e «hospitalidade», indício de que a decadência do sufixo data já desta época. Em *cardealádego*, *generaládego* e *papádego*, exemplos colhidos no *Livro da Montaria*, o sufixo *-ádego* corresponde, no que diz respeito ao significado, absolutamente a *-ado* em *papado*, etc.”. O autor invoca ainda “o facto de coexistirem formas em *-ÁTICO* a par de *-ÁDEGO*, p. ex. *areática* = *eirádega*, e *montático* = *montádego*” (Piel 1940: 214).

O maior número de derivados em *-agem* terá, assim, provocado uma menor rentabilidade de *-ádig-* (*-ádeg-*), o que fez com que as formações em que intervinha este sufixo passassem a ser consideradas como mais raras, caracterizando-se atualmente todas elas pela perda de composicionalidade e daí a profusão de notas existente neste trabalho, visto que é necessário para quase todos os casos inserir informação acrescida. Ainda que do ponto de vista da forma seja possível proceder à identificação dos constituintes dos derivados em *-ádig-* (*-ádeg-*), não se pode deduzir o significado do todo recorrendo à soma dos significados das partes. Deste modo, pode considerar-se que na memória dos falantes estão presentes quer os mecanismos de formação de palavras, quer os produtos complexos por eles gerados.

Na minha opinião, a explicação para a perda de rentabilidade de um sufixo deve-se ao dualismo exercido pelo sistema em que uns elementos dominam (aqueles que são mais rentáveis) e outros sucumbem, por pertencerem a um grupo mais restrito, i.e., elementos que por serem menos rentáveis, têm menos hipóteses de virem a formar novas palavras. Os sufixos mais rentáveis tenderão, assim, a alargar o seu emprego, tornando-se polissémicos, tal como aconteceu com *-agem*.

5. Conclusão

Olhando para aquilo que tem sido a história da sufixação em português, pode afirmar-se que o sistema afixal parece favorecer a ocorrência de menos e mais polifacetados afixos e, por isso, os elementos sufixais aqui analisados não são exceção. Além da tendência para reduzir o número de afixos disponíveis em português, podemos também observar que a perda de disponibilidade de um afixo em detrimento de outro é um caso de mudança morfológica que redundará numa mudança lexical (alargamento do léxico), embora isso nem sempre signifique que haja alteração da natureza dos processos derivacionais (no caso em análise, a formação de nomes).

No português atual, contrariamente ao que se verificava em épocas mais recuadas, não assistimos a uma genuína competição entre sufixos e, por isso, não dispomos de sufixos que denotem exatamente o mesmo valor, selecionado o mesmo tipo de bases. De uma fase (português antigo) em que a competição entre processos morfológicos era uma “situação normal”, na aceção de normalidade de Bauer (2001: 71), no português contemporâneo, a haver concorrência sufixal, isso será sempre tido como excepcional.

Os recursos derivacionais de que dispomos são, pois, previsíveis, regulares e não concorrenciais, o que só pode ser analisado e compreendido através de estudos com um enfoque não exclusivamente sincrónico, que permitam comparar valores diferentes em momentos diferenciados.

Bibliografía

- Ali, M. S. (1964) [1931]: *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (São Paulo: Edições Melhoramentos, 3ª edição).
- Bauer, L. (2001): *Morphological Productivity* (Cambridge: Cambridge University Press).
- Braga, T. (1876): *Grammatica Portuguesa Elementar* (Porto: Livraria Portuguesa e Estrangeira).
- Caetano, M. C. (2003): *A Formação de Palavras em Gramáticas Históricas do Português. Análise de algumas correlações sufixais* (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas).
- Câmara Jr., J. M. (1975): *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Padrão).
- Castro, I. (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. (Lisboa: Universidade Aberta).
- Coutinho, I. L. (1938): *Pontos de Gramática Histórica* (São Paulo: Companhia Editora Nacional).
- Costa, J. A. / Sampaio e Melo, A. (1998): *Dicionário da Língua Portuguesa* (Porto: Porto Editora [= PE], 8ª edição, 1ª ed. s.d.).
- Cunha, A. G. (1987) [1982]: *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2ª edição).
- Cunha, C. / Lindley Cintra, L. F. (1989) [1984]: *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Lisboa: Sá da Costa, 6ª edição).
- Diez, F. (1973) [1836-1844]: *Grammaire des Langues Romane* (Paris: Librairie A. Franck, troisième édition refondue et augmentée, Tome I et II (traduit par Alfred Morel-Fatio et Gaston Paris, réimpression de l'édition de Paris, 1874, Genève/Marseille, Slatkine Reprints/Laffitte Reprints)).
- Ferreiro, M. (1997): *Gramática Histórica Galega. II Lexicoloxía* (Santiago de Compostela: Edicións Laiovento).
- Huber, J. (1986) [1933]: *Gramática do Português Antigo* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (trad. port. de Maria Manuela Delille, do original al. *Alportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung)).
- Iordan, I. / Manoliu, M. (1980) [1972]: *Manual de Lingüística Románica* (Madrid: Editorial Gredos).
- Lacuesta, R. S. / Gisbert, E. B. (1999): La Derivación Nominal, in Bosque, I. / Demon- te, V. (eds.), *Gramática Descriptiva de la Lengua Española, Entre la oración y el discurso / Morfología*, vol. III (Madrid: Real Academia Española / Fundación José Ortega y Gasset / Editorial Espasa, 4505-4594).

- Machado, J. P. (1977) [1952]: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Lisboa: Livros Horizonte, 3ª edição).
- Machado, J. P. (coord.) (1996) [1991]: *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2ª edição).
- Mota, O. (1937) [1916]: *O meu idioma* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 8ª edição).
- Nunes, J. J. (1989) [1919]: *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia* (Lisboa: Clássica Editora, 9ª edição).
- Pereira, E. C. (1935) [1916]: *Gramática Histórica* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 9ª edição).
- Piel, J. M. (1989) [1940]: “A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português”, in *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 201-212).
- Reinhardstoettner, C. (1878): *Grammatik der Portugiesischen Sprache* (Strassburg: Karl J. Trübner).
- Ridruejo, E. (1998) “Sufijos improductivos”, in Ruffino, G. (ed.), *Actas do XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza* (Palermo, 18/24-9-95), 307-318 (Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. I - *Grammatica Storica delle Lingue Romanze*).
- Sequeira, F. J. M. (1943): *Aspectos do Português Arcaico* (Lisboa: Tipografia União Gráfica).
- Sequeira, F. J. M. (1938): *Gramática de português* (Lisboa: Livraria Popular).
- Serrão, J. (dirigido por) (s.d.): *Dicionário de História de Portugal* (Porto: Livraria Figueirinhas).
- Silva Jr., M. P. / Lameira, A. (1913) [1887]: *Grammatica da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 4ª edição).
- Vasconcellos, C. M. (s.d.) [1946]: *Lições de Filologia Portuguesa* (Lisboa: Edição da Revista de Portugal / Dinalivro).
- Viterbo, Fr. J. S. R. (1962-1968) [1798-1799]: *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram* (Porto: Civilização, edição crítica de Mário Fiúza).